



**RAÇA E**   
**MERCADO**







## Realização



DIASPORA ● BLACK

F E R A  
P R E T A

FGV EAESP  
CENTRO DE  
EMPREENDEDORISMO  
E NOVOS NEGÓCIOS

FGV EAESP  
COORDENADORIA DE  
DIVERSIDADE

## Apoio

VISA





**APOIO AO  
EMPREENDEDORISMO  
NEGRO**





## **JAQUELINE FERNANDES**

Fundo ÉDITODOS – Diretora Geral do Instituto Afrolatinas, jornalista, pesquisadora em inovação

## **NANA BAFFOUR**

Quintess – Chairman, CEO & Chief Culture Officer



## **ANDRÉ BARRENCE**


Google – Diretor do Google for Startups, mestre pela London School of Economics e fellow MIT Media Lab



## **Azor Barros**

Estímulo 2020 – Co-fundador e CEO






O encontro do Raça e Mercado do dia 23 de outubro de 2020 realizado conjuntamente pela Afrobusiness, Diáspora Black, Feira Preta e FGV EAESP, reuniu especialistas para debater sobre as fontes de apoio existentes as empreendedoras negras e aos empreendedores negros.

O fórum desse dia teve como convidados Nana Baffour, CEO da Quintess; André Barrence, diretor do Google for Startups; representando a coalisão ÉdiTodos: Thiago Vinícius, gerente da Agência Popular Solano Trindade e Adriana Barbosa, CEO da Preta Hub; Azor Barros, Co-founder e CEO da Estímulo 2020 e moderando a discussão, Jéssica Rios, sócia e líder de estratégia de gestão de impacto na Vox Capital.

Dentre os desafios conhecidos pelos empreendedores negros e empreendedoras negras no desenvolvimento de seus negócios, um dos mais recorrentes é a dificuldade de obtenção de recursos para seus negócios. A população negra sempre empreendeu, porém existe limitações de recursos, tanto de capital como relacional. Os vieses na concessão de crédito e os critérios não compatíveis com os negócios negros são algumas das barreiras enfrentadas por essa parcela de empreendedores. [O mapa do empreendedorismo negro realizado pelo Plano CDE em parceria com a Preta Hub e JP Morgan](#) informa que 32% desses empreendedores tiveram crédito negado sem explicação. O índice é ainda maior (39%) para empreendedores que se declaram como engajados, ou seja, aqueles que exercem atividades auto afirmativas voltadas ao público negro.

Apresentando as ações da [Coalisão ÉdiTodos](#), Adriana Barbosa, explica que a iniciativa surgiu em 2017 a partir de uma experiência obtida através do Laboratório de Finanças Sociais liderado pelo ICE – Inovação em Cidadania Empresarial,




juntamente com empresas e organizações sociais. O objetivo do projeto era desenvolver ideias dentro do campo de finanças sociais com foco em raça, periferia e gênero. Nos últimos três anos a coalisão cresceu e hoje reúne 12 organizações presentes em cinco estados. Um dos objetivos da organização é a realização de advocacy, no sentido de influenciar o ecossistema de negócios de impacto social, tanto do ponto de vista dos empreendedores como dos investidores.

Durante esses anos, diversos encontros, pesquisas e discussões foram realizadas para compreenderem que a população negra e periférica não era somente beneficiária do ecossistema, mas também tutora e desenvolvedora de tecnologias e sistemas.

No contexto da pandemia de Covid-19 as organizações que compõem a coalisão notaram uma grande demanda de pedido de apoio dos negócios que fazem parte de suas redes, em resposta a esses pedidos a coalisão se mobilizou para prospectar recursos para um fundo de emergência. Foram prospectados R\$ 1.7 milhões que apoiam aproximadamente 580 negócios em dez estados brasileiros. Para a concessão de apoio priorizou-se mulheres acima de 50 anos, pois se notou que esse grupo específico era o mais vulnerável, especialmente por serem empreendedoras de necessidade e chefes de família. Além do apoio financeiro durante seis meses a fundo perdido, essas pessoas também receberam acompanhamento psicológico. Depois de atender esse grupo específico, o ÉdiTodos estendeu o apoio a outros negócios, inserindo também mentorias sobre diversos temas para acompanhar a jornada desses empreendedores durante e após a pandemia.

O novo contexto também exigiu letramento digital desses empreendedores, pois todos precisavam estar conectados para






manter seus negócios. No geral a cesta de apoio incluía vale alimentação, horas de atendimento psicológico, crédito para impulsionamento dos negócios em redes sociais e crédito para a compra de 3G para uso da internet. A questão do acesso à rede de internet é extremamente relevante, pois a diferença é abismal entre negócios em grandes centros e aqueles situados, por exemplo, em comunidades quilombolas. O Fundo de Emergências econômicas foi específico para socorrer os empreendedores no contexto da pandemia.

Para além dos apoios pontuais e momentos de crise, Adriana também reforçou a importância de realizar advocacy dentro do ecossistema de negócios de impacto social para que haja processos mais equânimes em relação aos investimentos aportados na população negra. Esse investimento deve mirar desde o micro, especialmente para empreendedores de necessidade, até investimentos maiores voltados aos empreendedores mais estruturados e startups. Esse segundo grupo precisa ser lembrado, pois o foco do investimento social ainda está nas microempresas, mas tem uma faixa de empresas que já passaram dessa fase e estão desassistidas.

É essencial pensar em ações de longo prazo escaláveis que considerem o acesso a tecnologias, acesso à maquinário, apoiar esses empreendedores a saírem do micro e desenvolverem seus negócios.

Um outro aspecto importante no processo de apoio ao empreendedorismo é lembrar que o apoio deve ser sistêmico e pensado na perspectiva do ecossistema. Esse processo de mobilização de recursos depende de muitas empresas que aportaram recursos, pois para gerar impacto é necessário um comprometimento coletivo. O apoio não pode ser somente




para o empreendedor, é preciso considerar todo o ecossistema que suporta o empreendedor, como por exemplo, as várias organizações intermediárias. Essas organizações intermediárias possuem a leitura e o entendimento dos territórios, e são muitas vezes o elo que conecta os empreendedores com os mais diversos atores do ecossistema.

Outra iniciativa de apoio aos negócios negros foi apresentada por Nana Baffour, multi-empendedor, e CEO da [Quintess](#). A empresa tem o objetivo de apoiar o desenvolvimento de comunidades e empresas através da transformação digital. A Quintess pretende assumir o papel de protagonista através de investimentos sociais. No Brasil, o apoio a negócios negros é realizado através do [Vale do Dendê](#) – da qual a Quintess é financiadora.

O investimento realizado pela empresa visa apoiar empreendedoras negras e empreendedores negros de startups em periferias, não só através de recursos financeiros, mas também conhecimento e ferramentas tecnológicas. Um outro projeto é a capacitação de jovens de periferias para se tornarem desenvolvedores de software, programadores e cientistas de dados. Para receber o apoio as empresas não precisam estar em estágio avançado, é necessário que tenham pelo menos um modelo de negócio sustentável.

Além dessas ações a Quintess também advoca junto aos seus clientes a implementação de políticas de diversidade, especialmente no setor de tecnologia. Um dado relevante apresentado por Nana, foi o resultado de uma pesquisa realizada pelo Citibank nos Estados Unidos. De acordo com o estudo a desigualdade racial no país teve um impacto econômico negativo de 16 trilhões de dólares na economia






americana nos últimos vinte anos. Um outro dado relevante da pesquisa é a projeção de ganho de 5 trilhões no PIB do país caso a desigualdade racial fosse zerada nos próximos 5 anos. Um grande impacto para um país onde a população negra representa 13% da população.

Guardada as proporções populacionais e econômicas entre Brasil e Estados Unidos, esse número ainda consegue ilustrar o impacto econômico da desigualdade racial e levanta o questionamento sobre o potencial de impacto econômico dessa desigualdade no Brasil onde a população negra representa 54% do total.

Nana reforça que essa transformação não acontece se os países não passarem antes por transformações culturais. O Brasil tem uma grande oportunidade para o desenvolvimento através da população negra, porém existe uma falta de protagonismo da população negra – o que tem mudado recentemente, porém não em um nível satisfatório. Muito ainda precisa ser feito também com relação as instituições brasileiras.

Um dos efeitos disso pode ser visto no contexto de investimentos em startups: de acordo com dados da Pitchbook menos de 3% dos 40 bilhões de dólares captados por fundos de venture capital no mundo são destinados a negócios negros. Visando reduzir essa discrepância surgem iniciativas voltadas para apoiar essas empresas.

André Barrence da Google for Startups compartilha sua experiência a partir da [Black Founder Funds no Brasil](#), uma iniciativa do Google para investir em startups lideradas por pessoas negras. Através do Google for Startups o olhar para o empreendedorismo negro no Brasil é voltado para o apoio também no ecossistema. Ele reconhece que o acesso ao




mercado de tecnologia tem diversas barreiras para pessoas negras, algumas visíveis e outras não. É importante reconhecer essas barreiras para compreender que existe uma questão estrutural quando pensamos na inclusão racial.

O volume total de venture capital investido vem crescendo ano após ano no Brasil, mas ainda existe uma grande lacuna entre os negócios negros e não negros. A questão é urgente, mas ainda falta informação, o que dificulta o planejamento e a implementação de políticas e práticas que possam reduzir as desigualdades. A Associação Brasileira de Startups coleta informações de uma base de 14,000 startups, porém não se sabe quantas dessas foram fundadas ou são geridas por pessoas negras.

Além da percepção daqueles que lidam com esse contexto diariamente, existem dados globais que não deixam dúvidas sobre as desigualdades. André exemplifica a questão a partir do depoimento de um dos investidores com quem conversou e lhe relatou que dentre as 200 empresas investidas pelos fundos que administra, apenas uma era capitaneada por uma pessoa negra.

Uma saída encontrada pelo Google para a falta de dados sobre essa questão foi então entender a partir dos membros do Google for Startups como a questão racial se dava. Os dados reforçaram a impressão de desigualdade: dos 150 mil membros menos de 10% se declaram negros. Daqueles que se declaram negros ou negras apresentaram uma capacidade 9 vezes menor em se dedicar integralmente aos seus negócios em relação aos outros empreendedores não-negros. Com relação à captação de recursos essa diferença é ainda maior. Os empreendimentos negros captaram 70 vezes menos recursos





que os empreendimentos não-negros. Olhando para o perfil dos investidores, nenhum se declarou como negro ou negra. Considerando a questão racial global e amparado por esses números o Google lançou uma iniciativa mundial - o Black Founder Funds.

Essa ação reconhece que o Brasil é uma potência racial, e entende o potencial de impacto não só econômico, mas também na redução de desigualdades que segregam a população negra há séculos.

O Black Founder Funds já vem apoiando diversos negócios no Brasil – inicialmente três negócios estão sendo apoiados não só financeiramente, mas também através de expertise, ferramentas e metodologias que garantem a sustentabilidade do negócio no longo prazo. Os investimentos são realizados através de doação, ou seja, sem a participação do Google. A iniciativa busca principalmente startups em estágio inicial, pois entende que no contexto brasileiro atual a maior parte dessas empresas estão nesse estágio, contudo, não existe impedimento quanto a participação de startups em níveis mais avançados. O objetivo é que esse primeiro investimento abra as portas para que essas empresas consigam outros investimentos. É essencial que essas empresas acessem outros investidores para alavancar seus negócios.

A iniciativa já recebeu mais de 350 aplicações, o que demonstra que existe uma demanda grande, mas que provavelmente ainda é maior que isso, se considerar os negócios que não conseguem chegar até o Google. Essa dificuldade de acesso é um dos pontos que reforça a importância das organizações intermediárias em fazer a ponte conectando as oportunidades



existentes com as empreendedoras negras e empreendedores negros.

Focando em empresas de pequeno e micro porte, Azor Barros apresenta o [Estímulo 2020](#) que oferece apoio a esses empreendedores nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Ceará. Além de crédito subsidiado, também oferecem educação financeira e ferramentas tecnológicas gratuitas independente se a empresa é elegível ao crédito. O objetivo do fundo é oferecer investimento para negócios já estabelecidos com pelo menos dois anos de existência, cobrindo até um mês do faturamento que a empresa apresentava antes da pandemia. Esse apoio financeiro se faz ainda mais necessário em momentos de crise. Dentre os pequenos e micro empreendedores 25% não tem acesso a crédito e 60% não conseguem financiar seu capital de giro, e quando conseguem as taxas de recebíveis são extremamente altas.

A ação do Estímulo agrega diversos parceiros que juntos apoiam a iniciativa em diferentes aspectos. O empreendedor é assistido no desenvolvimento de gestão através da educação financeira, tem acesso a software de gestão de negócios, acesso a plataformas digitais para a comercialização de seus produtos, apoio para abertura de conta com benefícios que reduzem seus custos, como a emissão de boletos, gratuidade em taxas na manutenção de conta corrente dentre outros.

A exemplo do Estímulo 2020, é importante salientar que esse tipo de ação se torna possível e gera maior impacto quando articulamos diversos atores que apoiam não só com recursos financeiros direto, mas também com serviços, capacidades e experiência.





Quais apoios ainda são necessários para esse ecossistema


## **Quais apoios ainda são necessários para o ecossistema do empreendedorismo negro?**

Thiago Vinícius representando a [Agência Solano Trindade](#) e a coalisão ÉdiTodos, compartilhou a necessidade de apoio a partir de uma outra perspectiva – tão relevante quanto aquela aos negócios. É preciso atrelar ações de desenvolvimento pensando no futuro, mas também é preciso agir no agora, pois no caso das populações em comunidades a questão é a sobrevivência – acesso a alimentos e produtos básicos.

Durante a pandemia a Agência atuou para estruturar a quarentena dos moradores periféricos através da oferta de alimentos e produtos de necessidades básicas. Na visão de Thiago essas ações humanitárias devem continuar pelo menos até o final de 2021 para apoiar essas pessoas em condição de vulnerabilidade.

É importante salientar que muitas dessas pessoas são empreendedores individuais que ficaram sem qualquer renda devido ao impacto da pandemia em seus negócios. Nesse processo de apoio é essencial lembrar o papel desempenhando pelas organizações intermediárias e o potencial que essas organizações têm para impactar positivamente o contexto quando também estão bem aparadas e estruturadas.

Durante a pandemia a Agência arrecadou e doou: 20 mil chinelos havaianas, 10 mil cestas básicas atendendo 40 mil pessoas, 10 mil marmitas, 10 mil máscaras, 10 mil repelentes, 1,5



mil escovas de dente, 9 mil pasta de dente, 5000 sabonetes, 50 apoios de 2.000 reais para empreendedoras e empreendedores em geral e 33 apoios de 1 mil reais para aqueles na área gastronômica.


A necessidade e tipo de apoio podem variar muito de acordo com o nível desses negócios. As diferenças são abismais quando consideramos que muitos empreendedores negros em comunidades precisam de infraestrutura básica, como endereço registrado e internet banda larga. Muitos desses negócios precisam ser alavancados e desenvolvidos exponencialmente de modo que tenham alcance estadual ou até mesmo nacional. Nesse ponto é essencial que haja cooperação entre todos os atores, poder público, empresas grandes e pequenas e organizações intermediárias.

Para empresas que buscam apoio de fundos de investimento Azor, chama atenção para a importância dessas empresas serem mentoradas e auxiliadas no desenvolvimento de modelo de negócios que possam atrair mais investimentos.

Um outro ponto abordado por Tiago foi a necessidade das grandes corporações incluírem no seu dia a dia a questão da diversidade. Essas empresas devem agir para além das doações e criar práticas e ações para que empresas negras façam parte de suas cadeias de suprimentos. Ações do tipo tem potencial maior para o desenvolvimento e a sustentabilidade desses negócios.

Nesse contexto pós pandemia que resultou em uma transformação digital ainda mais acelerada, é urgente que haja apoio na educação e capacitação tecnológica e digital da população negra brasileira. A tecnologia precisa ser entendida também como um aspecto potencial da exclusão da população






negra, seja do mercado de trabalho ou do mercado empreendedor. Por isso, essas ações são urgentes para que a população negra não fique novamente à margem do desenvolvimento que atualmente está sendo puxado pela tecnologia.

Nos últimos 30 anos muitas coisas mudaram, mas ainda muito deve ser feito, não só pelas pessoas negras, mas por toda a sociedade. A transformação necessária não será realizada apenas pela população negra. É preciso o envolvimento de todos para que mudanças profundas ocorram. O governo precisa revisar as questões tributárias, as empresas devem rever suas práticas de compras e reforçar a inclusão de pessoas negras, as instituições e o ecossistema como um todo precisam ser revistos para que possamos acelerar ainda mais.

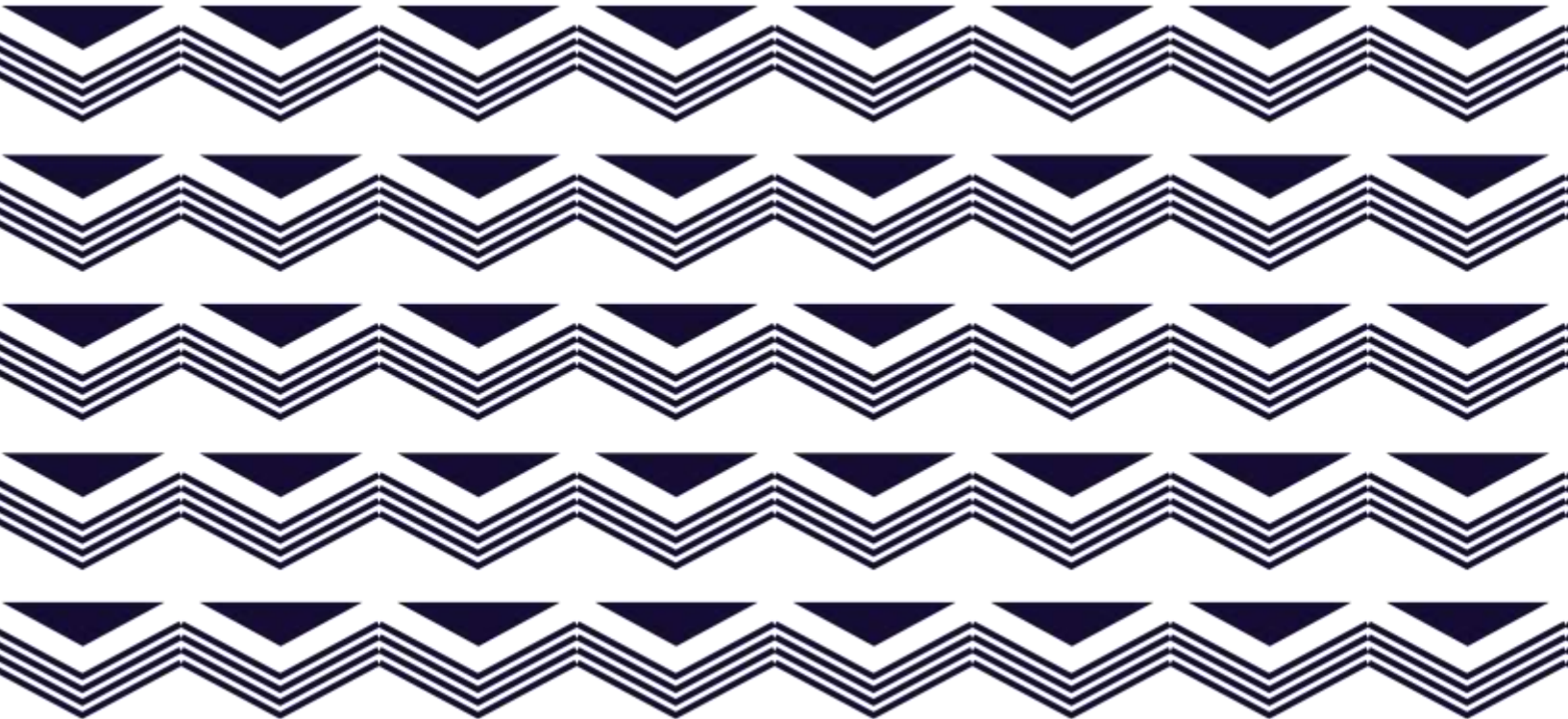
O que a pandemia nos mostrou é que será necessário ter rupturas através do desenvolvimento de novos sistemas. Não é mais aceitável que sistemas antigos sejam reproduzidos. Um termo muito comum no contexto de negócio e sobretudo na área de investimentos é a meritocracia. Essa ideia só faria sentido se todos tivessem as mesmas oportunidades, partissem do mesmo local e estivessem sujeitos as mesmas condições. Diversos aspectos, como a educação, as redes e os contatos que um indivíduo tem acesso durante a sua trajetória irão impactar diretamente nas suas chances de sucesso.

O contexto brasileiro caracterizado pela grande desigualdade racial e social, confirmada por alguns números apresentados no fórum, reforça a importância de nos atentarmos para a raça. É preciso estarmos cientes das diferenças que ainda pautam as oportunidades acessadas pelas diversas parcelas da população. Esse novo sistema precisa considerar o potencial intelectual da



população negra e todas as tecnologias que por essa são desenvolvidas. Temos uma oportunidade enorme para acelerarmos a mudança com a participação da população negra no poder econômico através da tecnologia. •





## **RELATÓRIO RAÇA E MERCADO**

Apoio ao empreendedorismo negro  
23 de outubro de 2020

PABLO LEÃO

EDGARD BARKI

MÁRCIO MACEDO

FGVcenn - CENTRO DE EMPREENDEDORISMO E NOVOS NEGÓCIOS  
FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS / EAESP

